

O QUINTO IMPÉRIO VIEIRENSE: ENTRE A UTOPIA, O CETICISMO E A INQUISIÇÃO PORTUGUESA

Josué Rodrigues Nogueira Junior ¹

“É conclusão certa e de fé que este Quinto Império de que falamos, anunciado e prometido pelos Profetas, é o Império de Cristo e dos Cristãos.”

Padre Antônio Vieira - História do Futuro

Para Vieira era necessário encontrar a *Eudaimonia*. Vieira era como muitos sujeitos politizados de batina, mas ousou ir além. O Padre Antônio Vieira com seu domínio da palavra discursa acerca do que nomeia e constrói sendo o Quinto Império. O jesuíta em sua conceitualização transforma ambiciosamente Portugal em uma *Nova-Roma* onde a *Cidade de Deus* de Santo Agostinho surgiria derrubando os simulacros da *Cidade dos Homens*. Duas ordens opostas existiriam, a temporal regida por D. João IV e a atemporal sob responsabilidade da Igreja. Para a existência do Quinto Império fazia-se necessária a inserção do elemento judaico nas atividades cotidianas de Portugal. Em um universo de forte e tendencioso pensamento anti- semita o Padre “ousa” sugerir judeus em solo luso, assim como a proporção de alguns direitos de liberdade. O jesuíta ousou pregar um discurso de tolerância. E graças a tal discurso, esbravejado em púlpitos e mencionado em seus escritos, fora acusado pela Inquisição do ato de “judaizar”. Vieira enxergava a presença judaica não apenas como diplomacia, mas como fator favorável a economia lusa e importante para a manifestação das profecias que verdadeiramente cria.

O Homem que se tornaria o maior orador da língua portuguesa era um jesuíta, e sua obra entrelaça o político e o religioso em uma relação sistêmica, dialética e inúmeras vezes, dialógica. O Padre Antônio Vieira discursa politicamente apropriando-se de elementos religiosos, proféticos e presentes no imaginário lusitano, acaba construindo assim um coerente *mito* de esperança portuguesa. Coerente sim, pois encontra-se bem embasado e estruturado, e crer, é simples questão de fé. Para o período

¹ Cnpq/ PIBIC/ UGF.

que o mesmo viveu, entre o seiscentista e o setecentista, fé é questão de coerência, e acerca desse tema trabalha inúmeras páginas em sua *História do Futuro*.

O presente trabalho visa apresentar a representação de Vieira perante o Tribunal do Santo Ofício e lançar um questionamento acerca da construção do discurso legitimador acerca de D.João IV, assim como a importância do elemento judaico na construção conceitual do que julgava ser divino e legitimadamente português. O Quinto Império Vieirense chamou a atenção dos céticos e dos utópicos, mas foi a Inquisição que o problematizou e o temeu.

O Padre Antônio Vieira deixou inúmeros sermões que entre metáforas, metonímias, antíteses e hipérboles expressam o texto barroco lusitano. Com a mesma graciosidade com que incitava *ufanismo* nos portugueses, proclamando fidelidade para com o monarca, conseguia construir inimizades que o acusavam de traição. A afirmação do Historiador Holandês José van den Besselaar “*O realista dizia verdades inoportunas, o visionário sustentava teses extravagantes*”² é coerente e explícita o posicionamento do Padre Vieira no que se refere a sua obra e a sua idealização do Quinto Império. O Jesuíta ousava explicitar seus pensamentos, e muito mais que isso, ousava prever o caminho de um tempo melhor.

O Objetivo final de Vieira é a *Eudaimonia* Aristotélica. A Plena “Felicidade” Portuguesa. Os Judeus eram necessários para a ascensão do Quinto Império, tendo uma função, prevista anteriormente em caráter profético. Logo, a Causa Judaica seria a *Ergon* da sua teoria, tendo uma função para o alcance da *Areté* imprescindível para a *Eudaimonia*. Aristóteles em sua obra *Ética para Nicômaco* apresenta um silogismo que tem como premissa maior uma boa vida como meta global significando que a situação x, força a fazer a situação y. Para Vieira, a causa Judaica incluía-se em um bem maior. A situação em que se encontrava Portugal, “forçava-os” a buscarem cooperação no Capital Judaico. Para Vieira era bíblico que Portugal e Hebreus assistissem unidos a ascensão do Império. E os Judeus eram parte disso, tendo função efetiva na construção do Quinto Império, e efetivação das profecias.

O Quinto Império pode ser considerado uma total construção conceitual do Padre Antônio Vieira. Argumentando politicamente aspectos religiosos, somando-os a

Monarquia Bragantina, discursa baseado no caráter místico, fundindo-o ao filosófico, um novo tempo idealizado. Trata-se de um movimento de caráter profético, que com muitas formas atravessou séculos, antes do Quinto Império de Vieira, esperava-se em Portugal o “Desejado” D. Sebastião. Vieira altera o discurso do Retorno. De acordo com Baêta Neves;

O Profetismo português não é, pois, uma corrente ou movimento único de idéias que facilmente se reconheceria ou, supostamente, já se saberia desde logo do que se tratava.(...) O Profetismo, português ou qualquer outro, será o resultado de forças que se aliam e degladiam; será a maneira pela qual se constituirão, na contingência histórica específica, forças que parecem “essenciais” ou “fundadoras”, ausentes da história por sua duração aparentemente infinda, encontradas e usadas por toda a parte, como as idéias de profeta ou profecia. (NEVES, 2002. p.14)³

O Padre Antônio Vieira era modernizador e de grande ousadia, além de protegido de D.João IV. O jesuíta em suas idealizações de futuro chegou a cogitar pagamento de impostos por parte da nobreza e do clero, assim como a criação de um fundo financeiro com dinheiro judaico.

Em Portugal a idéia do Quinto Império tem uma conotação de esperança e saudosismo até os dias atuais. Fernando Pessoa com sua obra, *A Mensagem* apresenta o Quinto Império como uma sonhada meta. Vieira vai da Bíblia as Trovas de Bandarra para embasar seus pensamentos... Hoje, resta a Utopia...

É incoerente falar em Quinto Império sem falar em Padre Antônio Vieira, pois é ele que forja o conceito apropriando-se de diferenciados elementos. O Quinto Império tem na mentalidade longa duração, sobrevivendo ao tempo, mas o mesmo é Joanista por afirmar inicialmente D.João IV ante o Retorno de D.Sebastião. Alguns Dicionários apresentam equívocos conceituais, ligando-o unicamente ao Sebastianismo:

Quinto Império: Designação de um Império cuja origem lendária remonta aos movimentos do Sebastianismo, que surgiu em Portugal e seus domínios ultramarinos durante a União das Monarquias Ibéricas. Império idealizado a ser erguido no Brasil, no qual o cristianismo e o judaísmo (cristianismo primitivo) seriam consubstanciados em uma única fé, originando um período de mil anos de felicidade. Movimento de caráter milenar, encontrou no português Pedro de Hates Hanequim um de seus intérpretes. Esse visionário e cabalista, habitante das Minas Gerais entre os anos de 1702 e 1722 pretendia estabelecer o Quinto Império nas terras da América Meridional, onde Deus teria dado início a Criação. Numa época em que D. João V transferira aos coloniais o ônus do pagamento aos franceses pelo resgate do Rio De Janeiro

(1711) e as disputas pela demarcação das fronteiras americanas entre as coroas Ibéricas se acirravam, Hanequim, discordando de alguns dogmas da doutrina católica, sentindo-se preterido pela política de concessões de intitulou-se descobridor das minas da Serra, tentando negociar com os castelhanos a troca de um título mobiliário pela informação sobre “seus achados” nas minas. Não obtendo êxito, Pedro de Hates retornou a metrópole, onde tentou se aproximar do infante D. Manuel, a quem caberia segundo o visionário ocupar o trono de Quinto Império⁴(BOTELHO, 2001)

É completamente inadequado falar em Quinto Império sem falar em Vieira, religioso que viveu entre a utopia e o ceticismo acabando por cair nas “garras” da Inquisição. O discurso Vieiriano é ideológico e de cunho “nacionalista”, visa à obtenção de resultados. Vieira trabalha temas ligados à mentalidade da época em uma construção Político-religiosa ativa. O jesuíta incita posicionamento, endossando um ufanismo português extremamente medieval, apropriando-se de elementos religiosos, e pedindo posicionamento político. O Padre Antônio Vieira para o que discursa e nomeia como sendo o Quinto Império utiliza-se de diferentes elementos que interagem de forma dialética em seu discurso. O jesuíta constrói um embasamento estruturado nas indagações, e nas respostas existentes em Portugal e na própria Igreja. Ele “ousa” propor a melhor forma de se chegar ao sucesso. Utilizamos o verbo ousar visto que suas idéias não eram de um todo unânimes entre os Portugueses. Afinal, sugerir a “doação” de parte do território do domínio de Portugal para a Holanda e a França rendeu a Vieira um grande grupo de inimigos. Vieira a frente do seu tempo também propôs tolerância aos Judeus. Tanta “ousadia” acabou levando-o ao Tribunal do Santo Ofício.

Em todos os escritos de Vieira percebemos que as suas propostas visavam a soberania de Portugal, e para isso ele era de pura ousadia. Unir-se a ricos judeus para captação de capital, “doar” as terras de Pernambuco para a Holanda e as terras do Rio de Janeiro para a França eram sugestões que iam além da audácia. Para o Jesuíta tais questões eram parte de um plano maior: A união de forças para a destruição de Castela. O verdadeiro inimigo. O Padre Antônio Vieira evoca a mística da restauração, fundindo-a a novos elementos, medievais e modernos, que não se chocam, mas se completam.

Vieira com idéias extremamente arrojadas ao seu tempo pregou tolerância com os judeus e judaizantes. O jesuíta nos faz crer em seus sermões e escritos que os

mesmos precisavam ver acontecer o plano de Deus. Era, para Vieira, bíblico, que esses seres excluídos nesse momento histórico vissem o nascer de um futuro primoroso para Portugal. Eram de acordo com a construção do discurso do Quinto Império, peças-chave para o sucesso.

Antônio Vieira sai do singular para o plural, quando torna Portugal a solução para o sucesso do mundo, trazendo não apenas a idéia do sucesso das Armas de Portugal⁵, mas o Quinto Império Bíblico com a inserção de elementos arrojados como trazer a tona uma nova concepção em relação a judeus, judaizantes e indígenas.

A construção Vieirenses do Quinto Império Português, está inserida em um pensamento de caráter duplo, onde a idéia de dois corpos é a base do projeto, dessa forma, o futuro traria a culminância escatológica prometida, unindo Deus e Portugal. Os lusitanos tinham o “fardo” do sucesso em seus ombros. Para Vieira, D. João IV e a Igreja tornar-se-iam o Quinto Império na terra. E isso estava legitimado através de profecias acontecidas ao longo dos milênios. O Discurso de Vieira visa o sublime, visa um período de paz, com uma Portugal soberana com *alma* dominante. É bom lembrar a realidade pela qual Portugal passara anteriormente, Vieira percebia o passado sob o que considerava um *jugo Espanhol*, e ansiava por um novo tempo, dessa forma, sair das *amarras de Castela*, e perceber-se como nação eleita, como povo escolhido é discurso legitimatório de sucesso, e para o sucesso. Nas palavras do próprio Vieira:

Estilo foi este que sempre Deus usou com Portugal, receoso porventura de que uma nação tão amiga da honra e da glória lhe quisesse roubar a sua. Quem considerar o Reino de Portugal no tempo passado, no presente e no futuro, no passado o verá vencido, no presente ressuscitado e no futuro glorioso; e em todas estas três diferenças de tempos e estilos lhe revelou e mandou primeiro interpretar o. favores e as mercês tão notáveis com que o determinava enobrecer: na primeira, fazendo-o, na segunda restituindo-o, na terceira, sublimando-o.⁶ (VIEIRA, História do Futuro)

A idealização do Quinto Império visava à permanência real e a legitimidade do trono português. Tudo que poderia acrescentar benefício ao trono oscilante era válido e acrescentado. A união poder secular e divino era a base da concepção Vieirina do Quinto Império. Percebemos na exegese de Antônio Vieira, uma transposição do sentido cultural e religioso que sublinha o elemento religioso em uma afirmação sempre atuante do poder monárquico. O Quinto Império é o discurso legitimador do trono da

Família Bragança. Joseph Von Den Besselaar nos lembra *a coragem de Vieira para receitar os remédios que lhe pareciam apropriados*.⁷ (BESSELAAR, 2002.p.34). O que muitos viriam a chamar de *utopia*, aos olhos do Padre Antônio Vieira parecia ser uma coerente ambição, algo totalmente palpável ao nível político-religioso. Vieira era um grande defensor do trono do primeiro monarca da dinastia Bragança. Para o jesuíta, D. João IV, o restaurador, levaria Portugal à apetejada glória. Ele constrói o discurso legitimador da dinastia que séculos mais tarde traria a corte portuguesa para viver em solo brasileiro.

A legitimidade da Dinastia lusitana é o fio condutor dos escritos de Antonio Vieira, no período que esteve intimamente ligado a corte, de 1641 a 1661, isso torna-se mais visível. Afinal, no discurso de Vieira, D. João IV era a resposta dos anseios portugueses. O Padre Antônio Vieira ousou sonhar com um mundo melhor. Para o jesuíta esse tempo que ele denomina como Quinto Império era uma promessa divina, e dessa forma Portugal estava fadado ao sucesso. O que muitos encaram como Utopia é para Vieira um plano de metas a serem alcançadas para a ascensão lusitana. Nessa concepção, a história inicia-se com o pecado original, sempre existindo o ideário da soberania portuguesa.

O tempo linear para Vieira do Gênesis ao Apocalipse é maior que o tempo cíclico, a história tem caráter sacro com tipologias barrocas, com culto exagerado da forma, o que implica em suas metáforas, antíteses e hipérboles. Existe um conflito estrutural entre Deus e humanidade que apenas pode ser resolvido com a legitimação do poder português.

O tempo de Antônio Vieira é bem outro. Em todos os níveis (teológico, ético ou político), o tempo barroco não é, como tendência a imaginar, fechado em si mesmo, quase atemporal, ancorado na confiança de Deus. Na realidade, esse tempo de aparência tão unum é um tempo intimamente dividido, inquieto, que é preciso saber reconduzir à sua fonte. Mas seu segredo é bem guardado. A Fé, a nova Fé repousa sobre a vontade. Evidentemente, a Igreja Católica guarda em si todos os seus tempos. Mas a de Antônio Vieira, a igreja da Companhia de Jesus, apresentou-se desde o seu início, uma igreja militante. Num sentido só ligeiramente metafórico, ela é como a muralha de uma Igreja amputada em luta consigo própria, e de uma Europa em parte perdida para ela. Graças a essa milícia por excelência, somente a providencia tinha o poder de remediar essas reveses, essa ferida que não dependia simplesmente do impotente espírito do mal, mas do próprio Deus, mestre do mundo e da História. (LOURENÇO, 2001.p. 92).⁸

Vieira comprovava suas afirmações através de argumentos bíblicos e respostas bem construídas para as esperanças portuguesas. A religiosidade era operante na mentalidade do povo, atuava na cooperação de símbolos, mitos e ritos. Construídos e necessários. E o jesuíta inserido nesse processo, também dele utiliza-se. Entre os súditos haviam aqueles que não aceitavam muito bem o Duque de Bragança no trono lusitano e a nobreza de certa forma apoiava Filipe IV, a sociedade era politicamente plural, desconfiava-se do movimento de restauração. Surge com Vieira o discurso que legitimaria o trono de D. João IV: O *Quinto Império*. O jesuíta constrói com força intelectual a teoria de legitimação da Casa de Bragança, onde a ideologia do Quinto Império atua fortemente. Vieira alia as questões jurídicas as questões proféticas ligadas ao divino e soma argumentos teológicos aos argumentos de cunho jurídicos.

O jesuíta utiliza-se do argumento bíblico. A resposta de Daniel a Nabucodonosor⁹ como relatada na Bíblia era a prova de uma nação soberana que viria *a posteriori*. Vieira interpreta o sonho de Nabucodonosor, a luz Portuguesa. Politicamente dá aos Lusitanos um discurso motivador. Impulsiona o direito de Sonhar. E sonhar alto. O Historiador Holandês Besselaar o posiciona como realista e visionário em uma relação dialógica.

A Antônio Vieira não se pode negar uma boa dose de realismo. Com seu bom senso era capaz de diagnosticar com perspicácia os males que seus país enfrentava. Tinha também coragem suficiente para receitar remédios que lhe pareciam apropriados, mas que, por contrariarem os interesses de grupos poderosos, quase nunca eram bem recebidos. No mesmo homem habitava também um sonhador que, propenso a se colocar acima das realidades terrestres, deleitava-se em meditar e interpretar as profecias relativas ao Quinto Império, cujo advento não cessava de anunciar aos compatriotas. O ambiente em que vivia sentia-se chocado tanto pelo realista como pelo visionário. O realista dizia verdades inoportunas, o visionário sustentava teses extravagantes. (BESSELAAR, 2002. p. 34)¹⁰

Na obra Vieirina elementos religiosos são utilizados a favor do político. O que não nos soa com estranheza sendo ele um jesuíta nascido no período seiscentista. A diferença é que o Padre Antônio Vieira, misto de Pregador e Diplomata constrói e teoriza acerca de um conceito que sobrevive por séculos no imaginário lusitano: O Quinto Império.

Os jesuítas eram sujeitos políticos e usavam os púlpitos para a explicitação de suas idéias. Vieira incitava em sermões e escritos a restauração de um *locus ideal*, um Império cujo todo o sentido, fosse verdadeiramente ligado ao *catoliqué*. A *Cidade de Deus* de Santo Agostinho, surgiria, derrubando os simulacros da *Cidade dos Homens*. Levantar-se-ia o Quinto Império, que seria unido a Deus e concomitantemente, a Igreja *ad aeternum*, enquanto a ordem temporal seria levada através de D.João IV. Duas ordens opostas viveriam, e a legitimação do V Império, dava-se com profecias bíblicas e profecias messiânicas do Imaginário português. Como o pensamento cristão tem de certa forma caráter interpretativo mantém-se fiel à época como homem de seu tempo. Em meio a o surgimento do protestantismo, considerado ameaçador, sugere novas almas a Igreja, tornando o seu discurso um elo entre a Europa e os novos mundos conquistados.

Oferecer à Igreja novas almas para substituir as ovelhas perdidas, buscar na Ásia, no Brasil, o que havia perecido na Alemanha na Inglaterra, na Holanda na Suécia e, ao mesmo tempo, consolidar as nações fiéis – Portugal e Espanha –, que deram imediatamente sua proteção á Companhia de Jesus, constituía na verdade um só objetivo. (...) O Novo Mundo, no meio do século XVII, já é percebido como um “prolongamento” da Europa, como um espaço geográfico, e político a proteger ordenar,e sobretudo, defender das inveja das outras nações, potencias comerciais ou inimigas Políticas da Espanha e de Portugal. Que o Brasil do século XVII seja o fruto de uma colonização-conquista não coloca nenhum problema para Antônio Vieira, missionário da Companhia que aqui havia se instalado havia cerca de um século.(LOURENÇO, 2001.p. 93)¹¹

Para Vieira, D.João IV, o primeiro Monarca da Dinastia Bragança a sentar-se no trono de Portugal era o escolhido de Deus para levar os lusitanos ao seu merecido e profetizado lugar. Portugal restauraria o mundo, era a nação Portuguesa a responsável pela expansão Cristã, pelas conversões dos gentios, pelo Sucesso lusitano, pela Beleza do Futuro. E o Futuro seria Primoroso! Para esses “Bons Anos” dever-se-ia unir D.João IV e a amada igreja. Vieira une-se a o Monarca dando lhe características messiânicas. Afirma Vieira no Sermão dos Anos Bons:

Diz a profecia: *In sperate ab insperato redimeris*: "Que seria remido Portugal não esperadamente por um rei não esperado." Segue-se logo, evidentemente, que não podia el-rei D. Sebastião ser o libertador de Portugal, porque o libertador prometido havia de ser um rei não esperado: *In sperate ab insperato*; e el-rei D. Sebastião era tão esperado vulgarmente, como sabemos todos.(VIEIRA, Sermão dos Anos Bons)¹²

O Quinto Império construído por Vieira transforma o Sebastianismo vigente, em Joanismo. A grande problemática é posicionar o V Império não como uma extensão do mito Sebastianista, mas como uma apropriação de caráter ideológico em meio a necessidades políticas, nos quais o mito de Restauração favorecendo D.João IV é efetivo, e ao monarca de então era extremamente favorável. Vieira que foi Diplomata a serviço de *El Rey* também constrói o discurso legitimatório do trono bragantino.

Antônio Vieira posiciona na construção do seu discurso, Israel e Portugal, de forma que tende a culminar na crença do *Povo eleito*. O seu discurso em relação ao Quinto Império é construído sobre a idéia bíblica de *nação eleita*. Para o jesuíta, *o povo escolhido* por Deus, citado na Bíblia Judaica não é o Povo de *Israel*, é o Povo de Portugal. Vieira constrói o Quinto Império trabalhando o imaginário social português. O jesuíta apresenta em suas linhas *ufanismo* em relação a Portugal que liderando do Japão a América do Sul, da Índia a África, estaria com a apetejada glória. O mundo para Vieira pertencia a Portugal. Um verdadeiro império universal cristão surgiria. Portugal era a nação fadada ao sucesso. O Quinto Império do mundo levantar-se-ia.

A intenção de Vieira, através do Quinto Império era através do Imaginário Português, utilizando-se de elementos como a Bíblia, o que é coerente a um jesuíta, e de elementos como o “Mito de Ourique” mitificar D.João IV. Torná-lo um herói, um mito político. Mas o que seria um *mito político*?

Mito político é fabulação, deformação ou interpretação objetivamente recusável do real. Mas, narrativa legendária, é verdade que ele exerce também uma função explicativa, fornecendo certo número de chaves para a compreensão do presente, constituindo uma criptografia através da qual pode parecer ordenar-se o caos desconcertante dos fatos e dos acontecimentos. (GIRARDET, 1987, p.13)¹³

O que muitos consideraram e consideram como Utopia, para Vieira era estratégia política. Para o jesuíta o Quinto Império não era utópico, era uma meta a ser atingida.

A base do Quinto Império do Padre Antônio Vieira era D. João IV. Após o falecimento do monarca que o protegia encarou os céticos em relação a seus projetos.

Não esqueçamos também que Vieira cogitou a ajuda financeira dos Judeus fora da Península Ibérica. Nascia assim, a Inimizade com os que eram Parte do Santo Ofício. A partir dessas idéias baseiam-se os Inquisidores em sua acusação. Os inúmeros inimigos conquistados ao longo dos anos ambicionam sufocar seu discurso.

Após a morte de D. João IV, Vieira apoiava D. Pedro II de Portugal contra Afonso VI na casa real de Lisboa. Mas o jesuíta encontra-se desamparado sem um monarca para protegê-lo.

O Tribunal do Santo ofício processa Vieira denunciando-o à inquisição de Coimbra em 1664, prendendo-o em 1665.

Por suas opiniões “a frente do seu tempo” foi perseguido, acusado de trato com hereges, apoio a causa judaica e explicações proféticas das escrituras. Na acusação contra Vieira os Inquisidores apoiaram-se nas obras o *Quinto Império* e *Claves Prophetarum*. O Tribunal ambicionava uma simples negação dos seus escritos mas o que se percebe em sua Defesa é uma reafirmação das suas crenças.

Vieira não se desculpa ou afirma ter se equivocado, apenas defende sua ideologia sistematicamente. A rainha da Inglaterra estava também indignada com Vieira. D.Afonso VI seu irmão fora destronado, e nisso Vieira teve papel político atuante.

A Inquisição aproveitou-se desse momento para “devorá-lo” politicamente. Porém, Vieira. volta a posicionar-se com a Corte após período turbulento, mas sem poder contar com D.Pedro II efetivamente como era com D.João IV.

O Jesuíta não apenas aguardava providências divinas, seguia propondo soluções que para ele poderiam ir além do plano das idéias, para ele deveria se viabilizar um plano de ação para a garantia de um efetivo e grandioso futuro para Portugal e os Portugueses. Acusado de traição contra Portugal e a Igreja, Vieira apenas visava uni-las.

² **BESSELAAR**, José van den. Antônio Vieira Profecia e Polêmica. EdUERJ, 2002. Pág. 34.

³ **BAETA NEVES**, Luis Felipe. *No profetismo português do século XVII: Vieira contraditores e aliados*. Apresentação da obra de Besselaar: BESSELAAR, José van den. Antônio Vieira Profecia e Polêmica. EdUERJ, 2002. Pág. 14.

⁴ **BOTELHO**, Ângela Vianna, REIS, Liana Maria. Dicionário Histórico Brasil: Colônia e Império. Belo Horizonte. Ed. Autor. 2001

⁵ **VIEIRA**, Antônio. Sermão para o Bom Sucesso das Armas de Portugal. Disponível On Line

⁶ **VIEIRA**, Antônio. História do Futuro. Disponível On Line.

⁷ **BESSELAAR**, José van den. Antônio Vieira Profecia e Polêmica. EdUERJ, 2002. Pág. 34.

⁸ **LOURENÇO**, Eduardo. *Vieira ou o Tempo do Barroco*. Brasil e Portugal 500 Anos de Enlaces e Desenlaces- volume 2. Revista *Convergência Lusíada*, 18. Real Gabinete Português de Leitura, 2001. Pág. 92. (Tradução do Francês por Teresa Cristina Cerdeira, revista pelo autor.)

⁹ O livro bíblico do “Profeta” Daniel, capítulo 2, versículos 44 e 45 diz: “Mas nos dias destes reis, o Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído; e este reino não passará a outro povo; esmiuçarà e consumirá todos estes reinos, e será estabelecido para sempre”. Esse Reino é entendido por Vieira como sendo o Reino de Portugal.

ALMEIDA, João Ferreira de. BíbliaSagrada. Imprensa Bíblica Brasileira. 71ª Impressão.1990.

¹⁰ **BESSELAAR**, José van den. Antônio Vieira Profecia e Polêmica. EdUERJ, 2002. Pág. 34

¹¹ **LOURENÇO**, Eduardo. *Vieira ou o Tempo do Barroco*. Brasil e Portugal 500 Anos de Enlaces e Desenlaces- volume 2. Revista *Convergência Lusíada*, 18. Real Gabinete Português de Leitura, 2001. Pág. 93. (Tradução do Francês por Teresa Cristina Cerdeira, revista pelo autor.)

¹² **VIEIRA**, Antônio. Sermão dos bons Anos. Disponível On Line.

¹³ **GIRARDET**, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1987. Pág. 13.